



## INFECÇÃO DE HIV EM MULHERES TRANSGÊNERO: UM ESTIGMA SOCIAL.

Lívia Menezes Escorel<sup>1</sup>  
Bruna Sampaio Lopes Costa<sup>2</sup>  
Carolina Feitosa de Oliveira<sup>3</sup>  
Darlana Nalrad Teles Leite<sup>4</sup>  
Ianara Fabiana Ramalho Dias Alves<sup>5</sup>  
Iara Oliveira Costa<sup>6</sup>  
Michelle Salles Barros de Aguiar<sup>7</sup>

**Introdução:** O estigma social trazido no século XX, a partir do início de pesquisa sobre infecção pelo HIV na Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS), perdurou durante quase um século, sendo exacerbado pela relação feita no período entre o vírus e os homossexuais. Atualmente, com o conhecimento aprimorado, parte dessa visão social foi amenizada, entretanto, é evidente a permanência deste quando relacionado às mulheres transgênero. **Objetivos:** Descrever o estigma social frente à infecção pelo HIV em mulheres transgênero. **Metodologia:** Realizada uma revisão de literatura do tipo integrativa, a partir de utilização da base de dados PubMed e Google Scholar, diante dos descritores “HIV”, “Women” e “Transgender women” associados ao operador booleano “AND”. Foram analisados quatro textos e excluídos cinco, dentre os critérios de inclusão e exclusão: conteúdo conciso, literatura recente em idiomas de português e inglês. **Resultados e Discussão:** A descrição dos estudos expõe que a discriminação e incidência de infecção em mulheres transgênero, em comparação à homens e mulheres cis, é de maior prevalência, sendo por volta de 48 vezes maior, englobando a porcentagem de 19%, visto à sua vulnerabilidade social. Os estudos implicam que a impossibilidade e carência de acesso à áreas vitais socioeconômicas, a explicitar educação e saúde, em associação a fatores biológicos e comportamentais, a transfobia e violência, estruturam fatores chaves para os dados prevalentes nesta minoria. Além disso, socialmente estabelecido pelo padrão heteronormativo, mulheres transgênero são comumente expostas à periferia social, tornando-se sujeitas a um contexto de vida subordinativo, privado de meios de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e saúde básica aderidas ao ser humano. A partir do momento de estabelecimento da barreira do cuidado ínfimo e primário, a estratificação de risco é dificultada, assim como profilaxias e terapias são prejudicadas, aumentando a suscetibilidade a agravamento dos casos e piora da qualidade de vida das mulheres. **Conclusão:** A estruturação social perpetua um estigma e preconceito diante da população em concordância à identidade de gênero trans, em indicativo, no estudo, do gênero feminino, desenvolvendo uma exposição vulnerável e de maior prevalência da infecção por HIV.

**Palavras-chave:** Estigma; HIV; Mulheres transgênero.

<sup>1</sup> Acadêmica em Medicina, Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), liviamesc@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica em Medicina, Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), brunasampaiolcosta@gmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica em Medicina, Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), carolinafoliveira2002@hotmail.com

<sup>4</sup> Acadêmica em Medicina, Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), darlana\_teles@outlook.com

<sup>5</sup> Acadêmica em Medicina, Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba (FCM-PB), ianara.ramalho@hotmail.com

<sup>6</sup> Acadêmica em Medicina, Centro Universitário Christus (UNICHRISTUS), iaraoliveiracostauc@gmail.com

<sup>7</sup> Doutora em Biotecnologia e Inovação em Saúde, Instituto Michelle Sales, michelleestatistica@gmail.com